

Entrevista com Liana Albernaz de Melo Bastos

1.

Os sujeitos se constituem em tramas identificatórias que, necessariamente, carregam os valores da sociedade em que vivem. Mas isto não significa uma anuência a todo e qualquer valor cultural numa uniformidade repetitiva. A singularidade de cada um se faz pelos caminhos de sua pulsionalidade, no interjogo entre Eros e Tânatos traçado na sua história particular. A sexualidade humana é produto destes avatares. Masculino e feminino são, tal como tomados habitualmente, isto é, como dizendo respeito a diferenças de gênero, apenas modos de expressão cultural da sexualidade. A cultura contemporânea tem, como uma de suas características, a desterritorialização dos sujeitos. Isto também se dá nas identidades masculinas e femininas. Dragqueens, metrossexuais são exemplos de como estas expressões na atualidade se manifestam.

O problema dos conceitos de masculino e feminino hoje, me parece, não está na priorização do estético. Os gregos já o priorizavam. Contudo, na cultura grega, o estético jamais estava divorciado do ético. A busca do bom e do belo norteava o homem grego. Na cultura contemporânea, no entanto, o bom foi “engolido” pelo belo, de tal modo que o belo passou a ser, também o bom. Não apenas isto. O belo é determinado por um dado padrão hegemônico. O que não atende a este dado padrão nem é belo nem é bom. Este padrão é dado, assim, pelo mercado.

A questão então se situa na apropriação que o mercado capitalista disso faz transformando tudo, inclusive as manifestações da sexualidade, em mercadorias a serem consumidas.

Cad. Psicanal., CPRJ, Rio de Janeiro. ano 27, nº 18, p.19-21, 2005

2.

Ainda que a família nuclear se mantenha, sabemos que, hoje, um número expressivo de famílias é chefiada por mulheres que assumem papéis que, anteriormente, eram designados aos homens. A diferença de gêneros não é mais suporte para a definição das funções parentais. As funções parentais são funções, isto é, podem ser exercidas para além das figuras de pai e mãe. As creches, por exemplo, assumem um lugar de relevância para as mães que trabalham fora. Os avós, vizinhos, pessoas que cuidam das crianças, também participam destas funções. Em grupos indígenas, as crianças são cuidadas por muitas mulheres e, em alguns grupos, o pai considerado é o tio materno. Isso não significa abandono, muito pelo contrário. Cuidados e interdições precisam ser estabelecidos dentro de redes amorosas e isto – e não os gêneros masculino e feminino – é que é fundamental para o estabelecimento das redes identificatórias. O que me parece problemático é que a exacerbação do individualismo na sociedade ocidental contemporânea tem produzido um enfraquecimento no cuidado com o outro, do qual, a criança, como elo mais fraco, é quem mais tem sofrido. Seja no abandono dos meninos de rua, seja no das crianças ricas de *gadgets* e pobres de afeto.

3.

Em recente evento de decoração, num quarto para menino e menina, havia, sobre a cama de cada um, painéis. No dela lia-se “eu sou linda...” e, no dele, “... mas eu sou forte”. Além do viés ideológico que propugna a força identificada como masculina como argumento último, esta pobre estereotipia do feminino e do masculino, ainda que hoje ainda se apresente, não corresponde mais à realidade social. A fragmentação e a mobilidade são alguns dos aspectos da sociedade contemporânea. Novos paradigmas, que convivem com antigos, já estão postos.

Apenas para exemplificarmos a presença simultânea destes paradigmas, podemos tomar o saber da medicina ocidental contemporânea.

O conhecimento médico estrutura-se a partir dos modelos de cientificidade da física clássica fundado na racionalidade moderna: o discurso deve ter validade universal, o corpo humano é entendido como uma máquina subordinada a princípios de causalidade linear e o entendimento do todo é dado pela soma das partes. Assim, o doente tem seu corpo pesquisado anátomo-fisiologicamente para o estabelecimento de diagnósticos de doenças e intervenções terapêuticas. A doença é univer-

sal, o corpo humano uma máquina submetida a causas lineares e a doença o resultado da soma das “partes” doentes (órgãos ou sistemas do corpo maquínico). Por outro lado, o próprio conhecimento médico utiliza, cada vez mais, a matriz da física quântica: sofisticados exames de imagens (PET, Spect), uso de laser, pesquisa em robótica, intervenções computadorizadas etc. Ambos os paradigmas se mantêm lado a lado. (Os impasses da medicina contemporânea, vale dizer, não estão nesta convivência paradigmática mas na tensão entre o conhecimento médico e a prática clínica. Mas esta já é outra história...)

A emergência de um novo paradigma não abole o anterior mas traz novos e instigantes problemas aos quais o paradigma anterior não atende, da mesma maneira que uma dada doença exige, hoje, tratamentos diferentes de alguns anos atrás. Precisamos assim de novas abordagens para as questões que a atualidade nos apresenta. Não se trata de chorarmos o passado e tê-lo como um “tempinho bom” e tomarmos o presente como, apenas, tempo de horror. Há, hoje, pela própria instabilidade do mundo em que vivemos, a possibilidade de criação de arranjos muito mais ricos. A adoção de crianças por casais homossexuais é um deles. Para os psicanalistas, masculino e feminino não dizem respeito apenas à força e à beleza, mas a capacidades criativas e amorosas, a limites e a interdições, a tudo aquilo que nos constitui sejamos homens ou mulheres.

Liana Albernaz de Melo Bastos

Psicanalista, membro efetivo da SBPRJ

Mestre em Teoria Psicanalítica(UFRJ) e Doutora em Ciências Humanas da Saúde (UERJ)

e-mail: lianaambastos@terra.com

Setembro de 2005